

OS PECADOS DO PAI

JEFFREY ARCHER

AS CRÓNICAS DE CLIFTON

VOLUME DOIS

OS PECADOS DO PAI

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA

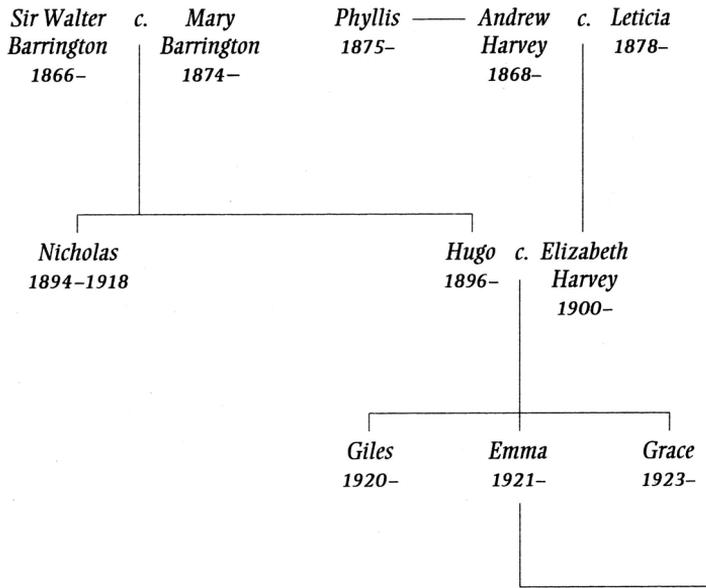
Lisboa 2015

SIR TOMMY MACPHERSON
CBE, MC**, TD, DL

Chevalier de la Légion d'Honneur,
Croix de Guerre with 2 Palms and a Star,
Medaglia d'Argento and Resistance Medal, Italy,
Kt of St Mary of Bethlehem

Os meus agradecimentos vão para as seguintes pessoas,
pelos seus preciosos conselhos e pesquisa:
Simon Bainbridge, Eleanor Dryden,
Dr. Robert Lyman, membro da Royal Historical Society,
Alison Prince, Mari Roberts e Susan Watt

OS BARRINGTON



OS CLIFTON

Harold
Tancock
1871- *c.* *Vera*
Prescott
1876-

Ray *Albert* *Stanley* *Maisie* *c.* *Arthur* *Elsie*
1895-1917 1896-1917 1898- 1901- 1898-1921 1908-1910

Harry
1920-

Sebastian
1940-

«Pois eu, o Senhor vosso Deus, sou um Deus que exige submissão absoluta e faço com que os filhos expiem os pecados dos pais até à terceira e quarta geração...»

Book of Common Prayer

HARRY CLIFTON

1939-1941

— O meu nome é Harry Clifton.

— Pois sim, e eu sou Babe Ruth — disse o inspetor Kolowski acendendo um cigarro.

— Não — disse Harry —, não está a perceber, houve um terrível engano. Eu sou Harry Clifton, um inglês de Bristol. Trabalhava no mesmo navio que Tom Bradshaw.

— Guarde essa conversa para o seu advogado — disse o inspetor, expirando longamente e enchendo a pequena cela com uma nuvem de fumo.

— Eu não tenho advogado — protestou Harry.

— Se eu estivesse nos apuros em que se encontra, meu rapaz, consideraria que a minha única esperança seria ter Sefton Jelks do meu lado.

— Quem é Sefton Jelks?

— Pode não ter ouvido falar do advogado mais matreiro de Nova Iorque — disse o inspetor, enquanto expelia outra coluna de fumo —, mas ele tem encontro marcado consigo amanhã de manhã, às nove horas, e Jelks só sai do escritório se os seus honorários tiverem sido pagos antecipadamente.

— Mas... — começou Harry, enquanto Kolowski batia com a palma da mão na porta da cela.

— Por isso, quando Jelks aparecer amanhã de manhã — prosseguiu Kolowski, ignorando a interrupção de Harry —, é melhor arranjar uma história mais convincente do que essa de termos prendido o homem errado. Você disse ao funcionário do serviço de imigração

que era Tom Bradshaw, e se isso foi o bastante para ele, também será o bastante para o juiz.

A porta da cela abriu-se, mas não antes de o inspetor ter expelido outra nuvem de fumo que deixou Harry a tossir. Kolowski saiu para o corredor sem mais uma palavra e bateu com a porta atrás dele. Harry deixou-se cair numa tarimba que estava presa à parede e descansou a cabeça numa almofada dura como uma pedra. Olhou para o teto e começou a pensar em como tinha acabado numa cela da polícia, do outro lado do mundo, acusado de homicídio.

A porta abriu-se muito antes de a luz matinal conseguir penetrar na cela através das barras da janela. Apesar da hora matutina, Harry estava completamente desperto.

Entrou um guarda, que trazia um tabuleiro de comida que o Exército de Salvação não teria pensado em oferecer a um sem-abrigo miserável. Depois de colocar o tabuleiro em cima da mesinha de madeira, saiu sem dizer palavra.

Harry ainda olhou para a comida antes de começar a andar de um lado para o outro. A cada passo que dava, ficava mais confiante de que, quando explicasse ao senhor Jelks a razão para ter trocado o nome pelo de Tom Bradshaw, a questão seria rapidamente resolvida. Com certeza que o pior castigo que lhe poderiam aplicar seria deportá-lo e, como ele sempre pretendia regressar a Inglaterra e ingressar na Marinha, isso encaixava no seu plano original.

Às 8h55, Harry estava sentado na borda da tarimba, ansioso por que o senhor Jelks aparecesse. A porta de ferro maciço só se abriu doze minutos depois das nove. Harry pôs-se em pé de um salto enquanto um guarda prisional se chegava para o lado para deixar entrar um homem alto e elegante, de cabelo grisalho. Harry pensou que ele devia ser mais ou menos da idade do avô. O senhor Jelks vestia um fato azul-escuro às risquinhas, com casaco assertoado, camisa branca e gravata às riscas. O seu ar cansado indiciava que pouca coisa o surpreenderia.

— Bom dia — disse ele a Harry, esboçando um ligeiro sorriso. — O meu nome é Sefton Jelks. Sou sócio principal da Jelks, Myers

e Abernathy, e os meus clientes, o senhor e a senhora Bradshaw, pediram-me que o representasse no julgamento que aí vem.

Harry ofereceu a Jelks a única cadeira que havia na cela, como se ele fosse um velho amigo que tivesse passado pelo seu gabinete de estudo em Oxford para tomar um chá. Empoleirou-se na tarimba e observou o advogado, enquanto este abria a pasta, tirava um bloco amarelo e o punha em cima da mesa.

Jelks tirou uma caneta de um bolso interior e disse:

— Talvez seja melhor começar por me dizer quem é, já que ambos sabemos que não é o tenente Bradshaw.

Se o advogado ficou surpreendido com a história de Harry, não deu sinais disso. De cabeça baixa, foi escrevendo inúmeras notas no seu bloco amarelo enquanto Harry explicava como é que tinha ido parar à cadeia e passado lá a noite. Depois de terminar, Harry presumiu que os seus problemas estariam certamente resolvidos, já que tinha um advogado experiente do seu lado, mas isso foi até ouvir a primeira pergunta de Jelks.

— Diz que escreveu uma carta à sua mãe, enquanto estava a bordo do *Kansas Star*, a explicar porque é que tinha assumido a identidade de Tom Bradshaw, não é verdade?

— Isso mesmo, senhor. Não queria que a minha mãe sofresse desnecessariamente, mas ao mesmo tempo precisava que ela compreendesse a razão para eu ter tomado uma decisão tão drástica.

— Sim, consigo perceber porque é que achou que a mudança de identidade iria resolver todos os seus problemas imediatos, sem ter consciência de que isso o poderia envolver numa série de problemas ainda mais complicados — disse Jelks. A pergunta que ele fez a seguir ainda deixou Harry mais surpreendido. — Recorda-se do conteúdo dessa carta?

— Claro! Escrevi-a e voltei a escrevê-la tantas vezes que sou capaz de a reproduzir quase literalmente.

— Então, permita-me que teste a sua memória — disse Jelks e, sem mais uma palavra, rasgou uma folha do bloco amarelo e entregou-a a Harry, juntamente com a sua caneta de tinta permanente.

Harry passou algum tempo a recordar as palavras exatas, antes de começar a reescrever a carta.

Minha querida mãe,

Fiz tudo o que estava ao meu alcance para garantir que recebia esta carta antes de alguém lhe poder dizer que morri no mar.

Tal como a data desta carta mostra, não morri quando o Devonian foi afundado, a 4 de setembro. Na verdade, fui resgatado do mar por um navio americano e estou bem vivo. No entanto, surgiu uma oportunidade para poder assumir a identidade de outro homem, e foi isso que fiz, na esperança de que isso a libertasse a si e à família Barrington de muitos problemas que pareço ter causado involuntariamente ao longo dos anos.

É importante que perceba que o meu amor por Emma não diminuiu em nada, longe disso. Mas não sinto que tenha o direito de esperar que ela passe o resto da vida agarrada à esperança vã de eu poder vir a provar algures no futuro que o meu pai era Arthur Clifton e não Hugo Barrington. Desta forma, ela poderá pelo menos considerar a possibilidade de ter um futuro com outro. Como invejo esse homem!

Planeio regressar a Inglaterra num futuro próximo. Se receber alguma comunicação de um Tom Bradshaw, será minha.

Entrarei em contacto consigo assim que chegar a Inglaterra, mas entretanto suplico-lhe que guarde o meu segredo com tanta firmeza como guardou o seu durante tantos anos.

O seu filho dedicado,

Harry

Quando Jelks acabou de ler a carta, voltou a apanhar Harry de surpresa.

— Foi o senhor Clifton que expediu a carta — perguntou — ou delegou essa responsabilidade em alguém?

Harry sentiu-se desconfiado pela primeira vez e decidiu não mencionar que tinha pedido ao doutor Wallace para entregar a carta à mãe quando regressasse a Bristol, daí a quinze dias. Receava que Jelks pudesse persuadir o doutor Wallace a devolver a carta e, nesse caso, a mãe não teria forma de saber que ele continuava vivo.

— Pus a carta no correio quando fui a terra — disse.

O idoso advogado levou o seu tempo a replicar:

— Tem alguma prova de que é Harry Clifton e não Tom Bradshaw?

— Não, senhor, não tenho — disse Harry sem hesitação, dolorosamente consciente de que ninguém a bordo do *Kansas Star* tinha razões para acreditar que ele não fosse Tom Bradshaw, e as únicas pessoas que podiam confirmar a sua história estavam do outro lado do

oceano, a mais de cinco mil quilómetros de distância, e não devia faltar muito tempo para que todas elas recebessem a informação de que Harry Clifton tinha sido sepultado no mar.

— Então, talvez o possa ajudar, senhor Clifton. Isto presumindo que continua a desejar que a menina Emma Barrington pense que está morto. Se assim for — prosseguiu Jelks com um sorriso hipócrita estampado no rosto —, posso propor-lhe uma solução para o seu problema.

— Uma solução? — disse Harry, parecendo esperançado pela primeira vez.

— Mas só se estiver disposto a manter a identidade de Thomas Bradshaw.

Harry ficou calado.

— O Ministério Público admitiu que a acusação contra Bradshaw é, na melhor das hipóteses, baseada em provas circunstanciais e que a única prova real a que se podem agarrar é ao facto de ele ter saído do país no dia a seguir ao homicídio ter sido cometido. Cientes da fragilidade do caso, concordaram em retirar a acusação de homicídio se estiver disposto a confessar-se culpado da acusação menos grave de deserção enquanto prestava serviço nas forças armadas.

— Mas porque é que eu havia de concordar com isso? — perguntou Harry.

— Ocorrem-me três boas razões — replicou Jelks. — Em primeiro lugar, se não o fizer, é provável que acabe por passar seis anos na prisão por ter entrado nos Estados Unidos de forma fraudulenta. Em segundo lugar, manteria o seu anonimato, por isso a família Barrington não teria motivos para acreditar que continua vivo. E em terceiro lugar, os Bradshaw estão dispostos a pagar-lhe dez mil dólares para tomar o lugar do filho deles.

Harry percebeu imediatamente que seria uma oportunidade para compensar a mãe por todos os sacrifícios que fizera por ele ao longo dos anos. Uma soma tão avultada podia transformar-lhe a vida, permitindo-lhe fugir à casinha de bairro pobre com duas divisões em cada piso, em Still House Lane, e também ao bater à porta semanal do cobrador da renda. Até podia pensar em deixar de ser empregada de mesa no Grand Hotel e iniciar uma vida menos dura, embora Harry

pensasse que isso era pouco provável. Mas antes de concordar com os planos de Jelks, tinha algumas perguntas a fazer-lhe.

— Porque é que os Bradshaw hão de estar dispostos a levar para a frente um esquema como este, quando já devem saber que o filho foi morto no mar?

— A senhora Bradshaw está desesperada por limpar o nome de Thomas. Nunca aceitará que um dos filhos possa ter morto o outro.

— Então, é disso que Thomas é acusado? De ter assassinado o irmão?

— Sim, mas, tal como referi, as provas são pouco sólidas e circunstanciais e não serão certamente aceites como válidas pelo tribunal, e é por isso que o Ministério Público está disposto a retirar a acusação, mas só se concordarmos em dar-mo-nos como culpados do crime menos grave de deserção.

— E de quanto tempo seria a minha pena, caso concordasse com isso?

— O procurador concordou em recomendar ao juiz que fosse sentenciado a um ano, por isso, com bom comportamento, poderá ser libertado dentro de seis meses... É bem melhor do que os seis anos com que pode contar se insistir no facto de ser Harry Clifton.

— Mas assim que eu entrar na sala de audiências, há de haver alguém que vai perceber que não sou Bradshaw.

— É pouco provável — disse Jelks. — Os Bradshaw são originários de Seattle, na costa oeste, e, embora tenham uma vida desafogada, raramente vêm a Nova Iorque. Thomas ingressou na Marinha quando tinha dezassete anos e, como saberá à própria custa, não pôs os pés na América nos últimos quatro anos. Além disso, caso se dê como culpado, só estará na sala de audiências durante uns vinte minutos.

— Mas, quando eu abrir a boca, toda a gente vai perceber que não sou americano, ou não?

— É por isso que não vai abrir a boca, senhor Clifton. — O advogado cortês parecia ter resposta para tudo. Harry tentou outro estratagema.

— Em Inglaterra, os julgamentos de homicídio estão sempre cheios de jornalistas e o público faz fila desde muito cedo à porta do tribunal, na esperança de conseguir vislumbrar o arguido.

— Senhor Clifton, há catorze julgamentos de homicídio a decorrer neste momento em Nova Iorque, incluindo o famoso «assassino da tesoura». Duvido que haja um repórter que seja destacado para este caso.

— Preciso de algum tempo para pensar no assunto.

Jelks olhou para o relógio.

— Temos de nos apresentar diante do juiz Atkins ao meio-dia, por isso tem pouco mais de uma hora para se decidir, senhor Clifton.

— Chamou um guarda para lhe abrir a porta da cela. — Se optar por não recorrer aos meus serviços, desejo-lhe sorte, pois não voltaremos a encontrar-nos — acrescentou antes de sair da cela.

Harry sentou-se na borda da tarimba, a meditar na oferta de Sefton Jelks. Embora não tivesse dúvidas de que o advogado de cabelo grisalho tinha as suas próprias motivações, a verdade é que seis meses eram uma perspectiva muito mais agradável do que seis anos, e a quem mais poderia recorrer, senão àquele experiente advogado? Harry gostaria de poder entrar no gabinete de Sir Walter Barrington por alguns momentos e pedir o seu conselho.

Uma hora mais tarde, Harry, trajando um fato azul-escuro e camisa creme, colarinho engomado e uma gravata às riscas, foi algemado, levado da sua cela até um carro celular e conduzido ao tribunal sob vigilância armada.

— Ninguém o deve supor capaz de praticar um homicídio — declarou Jelks depois de um alfaiate ter visitado a cela de Harry com meia dúzia de fatos, camisas e uma seleção de gravatas para ele escolher.

— E não sou — recordou-lhe Harry.

Harry juntou-se a Jelks no corredor. O advogado brindou-o com o mesmo sorriso, antes de empurrar as portas de vaivém e percorrer o corredor central, detendo-se apenas ao chegar aos dois lugares vagos na mesa do advogado.

Depois de Harry se ter instalado no seu lugar e de lhe terem tirado as algemas, olhou à volta da sala de audiências quase vazia. Jelks tinha razão. Parecia haver pouca gente interessada no caso, e imprensa

nem vê-la. Para eles, devia tratar-se apenas de mais um homicídio doméstico, em que o mais provável era o réu ser absolvido; nada de parangonas tipo «Caim e Abel», quando não havia a possibilidade de cadeira elétrica no tribunal número quatro.

À primeira badalada do meio-dia, abriu-se uma porta na outra ponta da sala e o juiz Atkins surgiu. Atravessou lentamente a sala, subiu os degraus e ocupou o seu lugar atrás de uma secretária colocada em cima do estrado. Depois, acenou em direção ao procurador, como se soubesse exatamente aquilo que ele se preparava para dizer.

Um jovem advogado levantou-se de trás da secretária reservada ao MP e explicou que o Estado ia retirar a acusação de homicídio, mas que ia processar Thomas Bradshaw por deserção da Marinha dos EUA. O juiz acenou afirmativamente e centrou a sua atenção no senhor Jelks, que se levantou na hora.

— E em relação à segunda acusação, de deserção, como é que o seu cliente se declara?

— Culpado — disse Jelks. — Espero que o Meritíssimo Juiz seja brando para com o meu cliente nesta ocasião, pois escusado será lembrar-lhe que se trata de um primeiro crime e que, antes deste invulgar deslize, tinha um cadastro imaculado.

O juiz Atkins franziu o sobrolho.

— Senhor Jelks — disse ele. — Há quem considere que o facto de um oficial desertar do seu posto enquanto está a servir o país é um crime tão hediondo quanto o homicídio. Tenho a certeza de que será escusado lembrar-lhe que até há bem pouco tempo um crime dessa índole faria o seu cliente enfrentar um pelotão de fuzilamento.

Harry sentiu-se indisposto enquanto olhava para Jelks, que não tirou os olhos do juiz.

— Tendo isso em mente — prosseguiu Atkins —, condeno o tenente Thomas Bradshaw a seis anos de prisão. — Bateu com o martelo e disse «Próximo caso» antes que Harry tivesse oportunidade de protestar.

— Tinha-me dito... — começou Harry, mas Jelks já virara costas ao ex-cliente e afastava-se. Harry preparava-se para ir a correr atrás dele quando dois guardas o agarraram pelos braços, puxando-os para trás das costas e algemando rapidamente o criminoso condenado, antes

de o escoltarem ao longo da sala de audiências em direção a uma porta em que Harry não tinha reparado.

Olhou para trás e viu Sefton Jelks a apertar a mão a um homem de meia-idade que estava claramente a felicitá-lo por um trabalho bem feito. Mas onde é que Harry já tinha visto aquela cara? Foi então que percebeu: tinha de ser o pai de Tom Bradshaw.